

Apostila de autoria da professora Milene Maciel Carlos Leite para o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ.

Disciplina: Língua Portuguesa

Apostila: Crônicas argumentativas

Para este nosso primeiro encontro, escolhi um autor a quem muito admiro chamado Lima Barreto. Vocês já ouviram falar nele?



PARA CONHECER: O escritor Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro, sete anos antes da abolição da escravidão no Brasil. Seu nome todo é Afonso Henriques de Lima Barreto. O pai, João Henriques, tipógrafo da Imprensa Nacional, e a mãe, Amália Augusta Barreto, eram filhos de escravizados. Ele foi um exímio jornalista e escritor brasileiro. Publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma extensa obra em jornais. Era muito crítico e combativo, o que incomodava as elites. Sua obra foi mais valorizada após a sua morte. O preconceito racial é um entrave à valorização do seu trabalho. Em artigo publicado no dia 6 de junho de 1922, na Revista Careta, uma de suas frases mais comentadas é escrita: "O Brasil não tem povo, tem público". Como você entende essa frase?

Leia mais sobre sua vida e obra em:



Leiamos juntos:

TEXTO 1

A carroça dos cachorros

(Lima Barreto)

Quando de manhã cedo, saio da minha casa, triste e saudoso da minha mocidade que se foi fecunda, na rua eu vejo o espetáculo mais engraçado desta vida.

Amo os animais e todos eles me enchem do prazer natureza.

Sozinho, mais ou menos esbodegado, eu, pela manhã desço a rua e vejo.

O espetáculo mais curioso é o da carroça dos cachorros. Ela me lembra a antiga caleça dos ministros de Estado, tempo do império, quando eram seguidas por duas praças de cavalaria de polícia.

Era no tempo da minha meninice e eu me lembro disso com as maiores saudades.

- Lá vem a carrocinha! - dizem.

E todos os homens, mulheres e crianças se agitam e tratam de avisar os outros.

Diz Dona Marocas a Dona Eugênia:

- Vizinha! Lá vem a carrocinha! Prenda o Jupi!

E toda a "avenida" se agita e os cachorrinhos vão presos e escondidos.

Esse espetáculo tão curioso e especial mostra bem de que forma profunda nós homens nos ligamos aos animais.

Nada de útil, na verdade, o cão nos dá; entretanto, nós o amamos e nós o queremos.

Quem os ama mais, não somos nós os homens; mas são as mulheres e as mulheres pobres, depositárias por excelência daquilo que faz a felicidade e infelicidade da humanidade - o Amor.

São elas que defendem os cachorros dos praças de polícia e dos guardas municipais; são elas que amam os cães sem dono, os tristes e desgraçados cães que andam por aí à toa.

Todas as manhãs, quando vejo semelhante espetáculo, eu bendigo a humanidade em nome daquelas pobres mulheres que se apiedam pelos cães.

A lei, com a sua cavalaria e guardas municipais, está no seu direito em persegui-los; elas, porém, estão no seu dever em acoitá-los.

Marginália, 20-9-1919 - Domínio Público

APÓS A LEITURA, PENSEMOS JUNTAS/OS:

01. O que você achou do texto? Como se sentiu ao lê-lo?
02. A crônica de Lima Barreto parte de um acontecimento pontual, observado pelo cronista.
Que acontecimento foi esse? Ele acontece, ainda nos nossos dias?
03. Como toda crônica, o acontecimento serve de motor para uma reflexão mais profunda.
Que reflexão é essa? Qual é a temática, em si, do texto?
04. Que opinião o autor apresenta e defende em relação às mulheres (principalmente as mulheres pobres) e os animais?

TEXTO 2

A lei

(Lima Barreto)

Este caso da parteira merece sérias reflexões que tendem a interrogar sobre a serventia. Uma senhora, separada do marido, muito naturalmente quer conservar em sua companhia a filha;

e muito naturalmente também não quer viver isolada e cede, por isto ou aquilo, a uma inclinação amorosa. O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer. Vê-se bem que na intromissão da “curiosa” não houve nenhuma espécie de interesse subalterno, não foi questão de dinheiro. O que houve foi simplesmente camaradagem, amizade, vontade de servir a uma amiga, de livrá-la de uma terrível situação. Aos olhos de todos, é um ato digno, porque, mais do que o amor, a amizade se impõe. Acontece que a sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida! Berram e levam a pobre mulher para os autos, para a justiça, para a chicana, para os depoimentos, para essa via-sacra da justiça, que talvez o próprio Cristo não percorresse com resignação. A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se. Reflitamos, agora; não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?

Correio da Noite, Rio de Janeiro, 07-1-1915 - Domínio Público

APÓS A LEITURA, PENSEMOS JUNTAS/OS:

1. Uma vez mais, o que você achou do texto? Como se sentiu ao lê-lo?
2. De que acontecimento histórico-social o texto parte?
3. Costuma-se afirmar que as crônicas, por terem vínculo com o tempo histórico em que foram escritas, “possuem vida curta”. É possível dizer que a crônica que lemos trata de um tema com vida curta ou discutido até hoje? Debata com a turma e apresente a sua opinião..
4. Como o autor se posiciona frente ao acontecimento que motiva a crônica? De que lado da história ele fica?
5. Embora predominantemente narrativo, podemos dizer que este texto é também argumentativo. Por quê?
6. Por fim, o que, para você, é **argumentar**?

Agradeço a vocês por esse nosso primeiro encontro. Temos um ano letivo inteiro para construir uma relação de parceria e de boas trocas.

Lembrem-se dos combinados que fizemos juntos.